

MEMÓRIA E AS SUBJETIVIDADES DESDOBRADAS¹

MEMORY AND UNFOLDED SUBJECTIVITIES

DOI: 10.18616/lendu.v8i1.9270

Tânia Regina Oliveira Ramos²
taniareginaoliveiraramos@gmail.com

“Eu quero a memória acesa depois da
angústia apagada”

Cecília Meireles

Não sei se o caminho que escolhi será o esperado: o de narrar sobre papéis avulsos, o de buscar a partir da minha tese de doutorado intitulada *Memórias: uma oportunidade poética* o que trazer para a UNESCO. Um pouco da minha formação, das minhas hipóteses, da minha produção, palavra tão cara na instituição universitária. Encontro pastas e arquivos, nas estantes, nas gavetas e nas pastas do computador, numa sistematização surpreendente, como se durante toda uma trajetória eu estivesse me preparando para esse momento. O eu, o escrever em primeira pessoa, conquista do mundo acadêmico, entra aqui como sujeito desse exercício de debruçar-me sobre mim mesma. Sou desde que comecei a pensar a linguagem e a memória, orientada pela leitura de Henri Bergson: *o tempo é aquilo que impede que tudo me seja dado de uma vez. Ele é demoramento mesmo. Por conseguinte, deve ser elaboração*. Ao me reler nesses mo(vi)mentos, passei a acreditar muito mais em caminhos, em travessias, em desvios, em veredas e a entender que as autobiografias valem tanto pelo que contam quanto pelas suas lacunas.

Linguagem e memória é o tema de nossa mesa e nessa busca do que trazer para vocês a certeza de que a história do conhecimento não é cumulativa. É uma história

¹ Texto preparado e lido na minha participação em mesa redonda ocorrida dentro do Seminário de Leitura e Produção Textual (SELEP) do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) e cuja temática exigia uma reflexão sobre as relações entre memória, linguagem e literatura.

² Professora Titular colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, editora da Revista Estudos Feministas e do Anuário de Literatura, sub-coordenadora do nuLIME - núcleo Literatura e Memória do Centro de Comunicação e Expressão, membro da Comissão Organizadora do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Atua e orienta dissertações e teses nas linhas de pesquisa crítica feminista e subjetividades, história e memórias literárias, destacando os projetos *É preciso saber o que elas dizem: escritas femininas e feministas* e *A Mala de Jorge Amado (1941-1942)*.

de descontinuidades. Guardadas as proporções foi esse caminho que encontrei para escrever sobre minhas memórias, as que realmente sejam a origem de eu estar aqui, de ter sido professora numa Especialização desta Universidade, de estar ainda professora e orientadora de Literatura na UFSC. Sim, a UNESCO faz parte de meu Currículo Lattes e Criciúma me mandou alunas e alunos inesquecíveis. Entre eles Gladir Cabral, Celdon Fritzen e André Cechinel, estes dois últimos colegas do Departamento do qual pertenci.

Encontro um ponto de partida fora das pastas e arquivos digitais e me surpreendo com a coerência entre a educação formal que recebi, como aluna, nos cursos primário, ginásial e normal (era essa a nomenclatura) e a educação curricular transformada pelo Curso de Letras da UFSC, pelo Mestrado e pelo Doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Aponto essa coerência, porque vejo nela uma explicação para a firmeza, desde os 16 anos, quanto ao desejo de querer ser professora. Minhas influências familiares na infância foram afetuosamente conciliáveis e díspares. De livros minha mãe tinha volumes esparsos da Biblioteca das Moças, alguns exemplares de uma coleção da Editora Melhoramentos (como eu queria reencontrar o livro chamado *O Primo Gui*, da primeira; e *Majupira*, da segunda) e alguns livros infantis e juvenis, capas duras, não muitos, presentes de uma das avós, que li, reli e tresli. Meu irmão e eu fomos criados sob o princípio de que ler era bom, era lúdico, era companhia. Então, em minha casa, na Lages sem televisão até 1972, com duas avós que ampliavam o núcleo familiar, havia coleções encadernadas de *Revista do Rádio*, *Cinelândia*, *Querida* e *Detetive*. E de meu pai vinha a assinatura mensal de *Seleções do Reader's Digest* com suas histórias edificantes e a sua Seção de Livros, minha preferida. Meu irmão lia gibis como Tarzan, Mandrake e Zorro (aos domingos os trocava na frente do Cine Carlos Gomes, o Poeira). E ganhávamos revistinhas da Disney, ainda restritas. Um médico amigo de meus pais nos emprestava para ler as revistas da época, *Cruzeiro* e *Manchete*, antes de serem disponibilizadas em seu consultório. Nossa família tinha prazo para a devolução. Essas leituras nos tornavam crianças bem informadas, diziam. Falávamos do que líamos com(o) gente grande. Eu me lembro de um dia ser proibida da leitura de uma revista chamada *Detetive*, guardada no sótão, uma revista na cor sépia, porque eu, aos nove ou dez anos, lia as histórias "reais", como a do homem que matava mulheres e fazia delas linguíça, e esses enredos se tornavam assuntos constantes e obsessivos e passagens na madrugada para, com medo, dormir com a mãe e o pai. Mal sabiam eles que um dia eu estaria tão preparada para ler *Cães da Província*, de Assis Brasil, e orientaria uma dissertação sobre Qorpo

Santo, paradoxalmente imbricados numa narrativa ficcional do crime da Rua do Arvoredo na pacata cidade de Porto Alegre. Ou me tornaria hoje uma obsessiva, porque sou geração de rádio, pelas *true crime* via podcast.

Posso dizer que lembro tão bem que a magia de nossa educação literária, não formal nem canônica, depois influenciada pelas professoras e professores das escolas onde estudamos, foi, porém, a arte das palavras cruzadas. Na infância e adolescência deitávamos cedo, nas noites frias de Lages, e fazíamos a última leitura dos livros trazidos da biblioteca, dos “pontos” a decorar, cadernos depois colocados em baixo do travesseiro para não esquecer “a matéria” em véspera de prova, como nos ensinava minha avó materna. Mas antes do sono eram as palavras cruzadas que nos traziam o que depois se transformou em histórias de vida e bênçãos maternas e paternas. De nossos quartos, nossa mãe ouvia o pedido de ajuda: - Mãe, pedra do altar com três letras. E ela, misteriosamente, segura como um dicionário, respondia: - Ara. Entre “doença respiratória”, com 4 letras”ASMA e “deserto da África” SAARA, com 5 letras, opinadas pelo meu pai, vinham o sono, o sonho e o futuro. Meu irmão se tornou doutor em jornalismo e professor-pesquisador da UnB. Eu, doutora em Literaturas, pela PUCRJ, professora e pesquisadora de Letras na UFSC. Palavras ou vidas cruzadas sim.

Escrevo essa parte de minha vida em detalhes como se estivesse vivendo outra vez ao mesmo tempo em que quero me remeter a relatos de amigas e amigos que me dizem que sua memória passou a falhar com mais frequência depois do lockdown de 2020. Não tenho conhecimento de neurociência cognitiva para entender essa sensação da memória prejudicada após a COVID, especialmente a memória diária aquela que experienciamos em que a quarta- feira parecia ser a segunda-feira, porque esquecimento de palavras aumentaram durante as restrições impostas pela COVID (passei dois dias querendo me lembrar da palavra berinjala e um dia inteiro para lembrar da palavra etiqueta) , porque muitas e muitos de nós ficamos sozinhas e sozinhos, porque a casa se tornou local de trabalho e estudo e porque tivemos tanta dificuldade de falar com pessoas ao vivo ao longo de quase dois anos. Eu particularmente tive um grande medo: esquecer de algo que li ou me contaram especialmente durante as 11 disciplinas que ministrei remotamente e pelas horas que me ocupei nas redes sociais e na releitura de livros, muito deles em voz alta.

Quero por isso usar meu exemplo pessoal, através das gavetas remexidas, dos armários redescobertos, dos cadernos de receitas da mãe compartilhados (a torta de espinafre da mãe até hoje faz sucesso), dos álbuns de fotografias, das trocas online,

durante quase dois anos, para entender por que eu penso que reativei desde então minha memória autobiográfica. Abro um parêntese, porque ao querer buscar lembranças para pensar o quanto a partir do isolamento dos anos 20 e 21 deste inusitado século XXI voltaram especialmente minhas memórias e leituras afetivas. Sim, foram dois anos estranhos e tristes, mas aqui estou eu conjugando dois verbos: esquecer para lembrar. Ou lembrar para esquecer.

A memória que trago aqui é a própria metáfora do esforço de recuperação da experiência do eu passado, que já não é o mesmo, e passa ser sim manipuladora de diversos sujeitos narrativos. Eu passo a ser ao mesmo tempo autora, escritora, narradora, mas muito mais sujeito destes dois verbos: lembrar e esquecer. Verbos dicendi: me lembro; recordo bem; isso eu esqueci.....

A subjetividade é desdobrada através de outros sujeitos das histórias lembradas como garantia do que conto. Meu pai, as avós, meu irmão, minha mãe, meu medo, o caderno sob o travesseiro..... O fato de uma primeira pessoa estruturar a narrativa através dos verbos rememorativos garantem a minha tutela histórica sobre lugares, pessoas e emoções. O Cine Poeira, a noite fria de Lages, os aparelhos de rádio, Pato Donald e seus sobrinhos.... A concretude da memória é estabelecida na dicotomia “morrer duas vezes” ou “viver duas vezes”, onde se evidencia a recordação não como um ato espiritual, mas como um ato concreto de transformar as lembranças em linguagem. Mas eu só me sentiria realizada neste espaço se as primeiras leituras que aqui citei: gibis, Majupira, Primo Gui, Tarzan, Pato Donald, Cruzeiro, Manchete se transformassem em um texto de Memórias em que eu me apago para dar vozes a todas e todos que escreveram livros de memórias e me transformaram em tese, em hipótese e em demonstração.

Reservo os minutos finais do meu texto, que desejou ser ouvido, para entregar a vocês um ensaio que construo a partir de palavras, frases, versos, de quem me ensinou na vida, pela literatura, pelas ficções, a poética das memórias. Sem elas e eles, seus livros lidos e relidos para a minha tese de Doutorado defendida há mais de três décadas nenhuma teoria serviria e eu não estaria aqui. Escrevi para lembrar, porque em cada asterisco eu sei que muitas de nós e muitos de nós somos leitoras e leitores, somos comunidade de destinos desta esmagadora oportunidade poética só possível porque somos linguagem e somos memória. Vencemos a pandemia e vencemos o esquecimento. Sobrevivemos.

* ³ Como e por onde começar as minhas memórias? Hesito. Devo começá-las pelo início de minha existência ou pelo fim? Pois se é preciso começar começemos pelo começo.* Nasci oficialmente em Juiz de Fora. Quanto à data do mês e ano, isto é da competência do registro civil. Não me vi nascer, não me recordo de nada que se passou naquele tempo. Na verdade nascemos *a posteriori*. No mínimo uns dois anos depois. Mesmo porque antes era o dilúvio.* Que nomes temos nós? Que é um nome? Que pandemônios de contradições não polarizam as sílabas que nos marcaram, sílabas que não pertencem à nossa matéria original, que terminam esquecidas em lápides, fonemas de discutível eufonia que nos foram impostas como ferrete? * Faço esforços de memória para saber qual foi a primeira impressão de minha vida, quando percebi que existia, que era um ser sensível e humano. É uma lástima esquecer! Nada descubro como ponto de partida, como clarão inaugural... Agora me lembro. Guardo a vaga lembrança de um ajuntamento de pessoas, subindo, em silêncio, a colina, onde assentava a casa grande. Vou rastreando o tempo para exumar alguma coisa do limbo.* Afinal de contas, a memória de um velho está cheia de labirintos. Escrever memórias numa ordem rigorosamente cronológica seria uma tarefa difícil, perigosa, e, possivelmente, monótona. De resto, o tempo do calendário e o do relógio pouco e às vezes nada tem a ver com o tempo de nosso espírito.* Existirá mesmo alguma lembrança guardada na retina do infante ou tudo resulta de relatos ouvidos? * Vivo em memória tudo aquilo que passou e não volta mais: a nossa cidade, a casa de vovó, onde vivemos os primeiros anos, o quintal que revejo com os olhos daquele tempo, imenso, misterioso, cheio de atrativos; a velha cisterna que me fascinava... * Servia-me o almoço às dez e o jantar às quatro, e isso representava já uma concessão aos hábitos citadinos. Meu Pai nascera na roça, e horário ideal parecia o de tia Perpétua, que, às nove papava o seu picadinho com angu, ao meio-dia merendava, e às três despedia-se da mesa com uma sopa de feijão, para se meter entre os lençóis assim baixasse a noite, conforme prescreviam os antigos.* À tarde, não havendo outros compromissos, dona Angelina reunia em sua casa algumas vizinhas interessadas em romances de folhetim. Os folhetins de antigamente representavam o mesmo papel das novelas de televisão nos dias de hoje.* E como a vida era boa naquele tempo.* É uma lembrança longínqua, das mais longínquas, a figura ou antes, a sombra do meu avô materno. Como uma fotografia antiga, desbotada, quase desaparecida pela ação do tempo, vejo-me segura às suas pernas na sala de jantar da casa de vovó.* Sempre associei o nome e a figura dessa avó materna a certos odores, coisas de comer.* Não sei porque me vêm à memória certas coisas de minha infância, sempre que pego na pena; talvez porque naquela época, coisas pequenas me impressionassem mais e eu guardo tudo muito.* O que há de especial nessas reminiscências é que não obstante serem tão vagas, encerram para mim um conteúdo inesgotável de emoção.* Debruço-me sobre este caderno e fico alguns minutos, imóvel, com a pena apontando a página em branco. De vez em quando, no ermo da madrugada para entreter os intervalos de minhas insônias, desço aos porões da memória, em busca desses instantes antigos.* Uma das mais terríveis noites de minha vida foi a de 2 de dezembro daquele ano de 1922.* E por que tantos enterros e ressurreições em meus sonhos? Qual seria a explicação? Já encontrei explicação muitos anos mais tarde.* Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem; fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável adotar o pronomezinho irritante, embora se façam malabarismos para evitá-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. Além disso, não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário.* Eu, tu, ele, nós, vós, eles. Entre dois nadas os pronomes dançam. Assim, vagando no tempo, voltando de

³ Parte deste texto apresentado na mesa foi publicado anteriormente na Revista Anuário de Literatura sob o título (Des)memórias (2012).

manhã para ontem (que nem cápsula espacial que pode girar quatro, cinco, seis dias, sol e noite, claro-escuro, nas vinte e quatro horas dum dia só), volto àquela Rua Haddock Lobo na sua eternidade. Saudade. Readquiro outra idade. Saudade. Sim. De mim na hora em que começava outra fase da vida nas ruas que se destinava a ser minha cidade. Saudade.* Eugênia! Que saudades me ficaram daqueles instantes de alumbramento! Fogo de carne que ainda hoje me queima como brasa.* A memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro reproduzo o painel assim como me vem à mente; depois investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que sobre ele, o tempo compôs outros quadros. Quero da memória apenas a essência das lembranças.* Estarei assim dentro da verdade? Importa a verdade? Ah! Pilatos, Pilatos... Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança? Onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Minha opção é sempre a segunda, porque só há dignidade na recriação. O resto é relatório.* (É bom ser ficcionista, pois se eu fosse sociólogo, etnólogo ou qualquer outra coisa em ó l o g o não estaria fazendo tantas afirmações levianas).* O impulso de escrever para mim mesmo, em caráter autoconfessional, ditou os feixes de palavras que fui acumulando e que um dia... destruí. Do conjunto sacrificado salvaram-se algumas páginas que hoje reúno em livro. Animou-me a ingênua presunção de que possam dar ao leitor um reflexo do tempo vivido de 1943 a 1977, menos por mim e pelas pessoas em volta, fazendo esmerar coisas literárias e políticas daquele Brasil sacudido por ventos contrários.* Rasgamos papéis, rasgamos os fatos que eles testemunhavam. Passar a vida a limpo.* Eu me pergunto se a memória não estará tentando enganar-me, bem como agora talvez eu esteja procurando ludibriar quem me lê.* É o caso de eu ter escrito e continuar a escrever estas minhas pobres memórias. Elas estão longe do que eu desejaria que fossem. Não me considero grande escritor por tê-las rabiscado. Foram produzidas porque eu queria ter - roubando aqui o pensamento de Proust - esse encontro urgente, capital, inadiável comigo mesmo.* E mesmo de olhos abertos eu sonhava. Inventava meu mundo e convocava meus mitos, fugindo do meu ambiente para mostrar outros quadros. Nesses momentos de fuga ia ao ponto de plantar minha paisagem e gerar outras vidas, por obra da imaginação. Demorava-me nessa atmosfera fictícia e meus sonhos tomavam corpo. A imagem estava sempre presente e eu brincava com essa ilusão. E assim me fiz romancista.* As palavras "outrora", "naquele tempo", "antigamente", "há séculos" impressionavam-me muito. Queria saber se não seria possível colar os tempos uns nos outros, se o tempo era vertical ou horizontal.* Estou só e a vida vai custar a reflorir. Estou só.* Dolorosamente encaro o velho que tomou conta de mim e vejo que ele foi configurado à custa de uma espécie de desbarrancamento, avalanche, desmonte - queda dos traços e das partes moles deslizando sobre o esqueleto permanente. Erosão.* Meu retrato está de corpo inteiro nestas memórias.* Ó tempo! Ó anti-Pitanguy, meu e nosso carrasco.* A memória é a repetição da vida que multiplica o passado, mas bom mesmo é esquecer.* Quem ousaria negar que - ao menos para uma memória fértil - o passado situa-se *a posteriori*?* Polício minha linguagem. Censuro, escamoteio qualquer coisa que possa lembrar terra, caixão e tumba/c'roa pedr'e e catacumba.* Não vou citar nomes.* Nesse trabalho coletivo a memória e a imaginação cooperaram de tal jeito que nos é impossível saber se o informe decisivo é falso ou verdadeiro.* As coisas findas/muito mais que lindas/estas ficarão.

* * *

Agradeço a estas e estes memorialistas que me ajudaram a escrever este texto final como só a memória consegue ser: *uma esmagadora oportunidade poética*. Quero agora

que voltemos a cada fragmento, a cada frase, como se fossem versos de poemas e como um jogo de autoria daremos voz e corpo a cada asterisco com os nomes próprios que fazem a boa história da literatura. São elas e eles: *Oswald de Andrade, *Murilo Mendes, * Marques Rebelo, *José Américo de Almeida, *Érico Veríssimo, *Jorge Amado *Maria Helena Cardoso, *Cyro dos Anjos, *Maria Helena Cardoso, *Érico Veríssimo, *Helena Morley, *Manuel Bandeira, *Josué Montello, *Érico Veríssimo, *Zélia Gattai, *Graciliano Ramos, *Pedro Nava, *José Lins do Rêgo, *Cyro dos Anjos, *Pedro Nava, *Érico Veríssimo, *Carlos Drummond de Andrade, *Josué Montello, *Érico Veríssimo, *Pedro Nava, *Cyro dos Anjos, *Murilo Mendes, *Oswald de Andrade, *Pedro Nava, *José Américo de Almeida, *Carlos Drummond de Andrade, *José Américo de Almeida, *Murilo Mendes, *Pedro Nava, *Érico Veríssimo, *Graciliano Ramos, *Carlos Drummond de Andrade.